

O abismo que nos separa das crianças e como diminuí-lo

Cada geração avança até um determinado ponto no domínio das tecnologias. Geralmente há um descompasso na sua apropriação e na relação que a geração anterior mantém com a atual. A geração da TV conseguiu dominar algumas das funcionalidades do videocassete e da incipiente Internet, mas sente dificuldade em trabalhar com os inúmeros aplicativos das últimas tecnologias móveis. Já as crianças e os adolescentes parece que nasceram com um *smartphone* na mão, tamanha é sua facilidade em explorá-lo. Os mais adultos - em geral - nos limitamos a um uso mais básico. E cada pessoa estabelece inconscientemente um limite para a aceitação do novo. Conheço pessoas que mal utilizam o celular, ou só acessam o email ocasionalmente. O que está claro é que se abre um abismo entre as gerações mais antigas e as mais novas na sua relação com as tecnologias no cotidiano. Para nós mais velhos torna-se muito difícil acompanhar todos os aplicativos, as novidades e principalmente compreendê-las em profundidade e utilizá-las em todo o seu potencial.

Quando vejo um menino de dois anos descobrindo jogos escondidos no Iphone e trocando de aplicativos, de acordo com a conveniência, percebo o abismo que me separa dele, a agilidade e intuição que me faltam. Com o passar do tempo a sensação que temos é de perder o passo, de distanciamento do mundo dos jovens, da sua linguagem, interesses, valores, percursos. Jogam alucinadamente com inimigos que se multiplicam na tela em fases intermináveis, Exibem habilidades perceptivas e motoras notáveis, muito superiores aos nossos passos trôpegos digitais mergulham horas em jogos, vídeos e conversas online. O lema parece ser: Tudo, agora, já. Todas as telas, todos os aplicativos, todas as linguagens, todas as festas, “youtubes” e “twitadas”.

Como ensinar a estas crianças que nasceram dentro desse mundo digital?

Eu valorizo o texto, eles valorizam a ação, o ritmo frenético de múltiplas imagens e flashes. Eu tenho uma caneta a mão e escrevo idéias, eles filmam tudo e o postam no Facebook. Eu organizo o pensamento em frases e parágrafos. Eles postam sensações, vídeos, compartilham tudo, não temem vírus nem perigos.

Sabemos que precisamos mudar a forma de ensinar e de aprender, mas só conseguimos avançar até um certo ponto, até o ponto do encontro afetivo e de uma parte da linguagem que compartilhamos em comum. Há uma margem de incerteza e incomunicação com os pequenos. É muito difícil que nós, mais analógicos, consigamos uma comunicação profunda com as crianças digitais.

Num olhar mais aprofundado, percebo que ambos nos necessitamos. Minha experiência pode ajudá-los a enxergar além das aparências, a problematizar o que parece definitivo, a encontrar algum ordem no caos, a fazer sínteses diferentes. Por trás da agitação alucinada, há olhinhos interrogadores, inquietos, que buscam inúmeras respostas. Muitas – as principais – não as temos, mas podemos ajudá-los a pensar, a analisar, a perceber melhor, a desacelerar seu ritmo com toques de reflexão e paz.

O entusiasmo e generosidade deles são fantásticos para desbravar territórios desconhecidos, para trazer material muito rico de pesquisa, de observação, que confrontado com nossa capacidade de análise pode produzir resultados surpreendentes.

É importante ir até onde eles estão, conhecer o que lhes é importante, entender como navegam. Se conseguimos acompanhá-los nas formas de pesquisar, comunicar-se e divulgar-se, poderemos partir de onde eles estão e ajudá-los a evoluir, a degustar outros sabores e ritmos, a descobrir outros mundos diferentes dos que eles valorizam.

O acolhimento afetivo é o caminho para encontrar os melhores percursos para chegar às suas mentes e corações. A aproximação ao mundo deles nos ajudará a encontrar atividades, recursos e desafios que façam sentido para nossos alunos e também para nós.

Nós tentamos mudar a escola, mas eles a redesenharão, quando forem adultos, a partir da riqueza de experiências de aprender juntos conectados. Somos uma geração ponte entre modelos industriais consolidados no passado e outros mais flexíveis que estamos construindo penosamente aos poucos até que eles, já nascidos neste novo mundo, concretizem suas experiências acumuladas de aprendizagem digital em processos muito mais próximos a sua sensibilidade, com práticas mais coerentes e significativas, que façam sentido no mundo em que eles sempre viveram, tão diferente de como nós aprendemos.